

Freire: de volta, sem soluções na maleta

Entrevista a Adélia Borges
e Regina Prata
Fotos Lia Branca

Na última terça-feira, dia 7, voltou ao Brasil, depois de uma ausência de 15 anos, Paulo Freire, uma das maiores expressões do educador do Terceiro Mundo e certamente um dos cientistas brasileiros mais conhecidos e respeitados no exterior. No dia seguinte, na casa de sua filha, em São Paulo, ainda emocionado com a calorosa recepção que encontrou no aeroporto de Viracopos e com o contato com as três netas, Freire falou a Regina Prata e Adélia Borges, de Movimento, sobre os seus planos no Brasil, sobre o atual momento político do país e sobre as experiências que acumulou no exílio, principalmente os programas educacionais que ajudou a implantar em países africanos libertados do colonialismo português.

Muito cauteloso, sempre afirmando que precisa primeiro «reaprender o Brasil» e entrar em contato direto com sua realidade, para depois falar sobre ela, o educador reiterou sua postura cristã. Solicitado a se definir politicamente, demorou um pouco para responder: «Sou por uma perspectiva socialista aberta, democrática, com uma consciente participação das massas populares como fazedoras da história mas com a consciência crítica de que também podem ser objetos da história». Conceituou educação como um ato político, «como prática de liberdade, um exercício de sujeitos que fazem história», acrescentando que a educação «que não faz isso é uma educação que domestica».

Sua permanência no Brasil é provisória: ele fica apenas um mês, em São Paulo, no Rio e no Recife. Mas pretende voltar definitivamente até meados de 1980, tempo que considera suficiente para «arrumar a casa» daqui e de Genebra, e cumprir compromissos de trabalho assumidos anteriormente, quando ainda não previa que o governo brasileiro finalmente lhe concederia o ansiado passaporte em julho de 79. Paulo Freire não sabe o que fará no Brasil, mas seu genro, o sociólogo Francisco Weffort, informou que a Universidade de Campinas e a Universidade Católica de São Paulo já o convidaram para dar aulas.

Movimento - O sr. é um dos educadores mais famosos em todo o mundo, um dos cientistas brasileiros mais reconhecidos no exterior, mas foi considerado aqui, em seu próprio país, um perigoso subversivo, indesejável, que muita gente não queria de volta. Que espaço o sr. vê hoje no Brasil para o desenvolvimento de seu trabalho? Em que tipo de atividade o sr. acha que poderia dar melhor sua contribuição?

Freire - Essa pergunta eu não posso responder, e não é evasiva de minha parte, mas é que na verdade a resposta à tua pergunta faz parte do novo momento de aprendizagem do Brasil. Se eu te dissesse olha, eu confesso, eu não vejo o que é que eu posso fazer aqui, então é melhor eu ficar em Genebra, lá eu sei o que estou fazendo. Mas se eu começar também a delimitar os campos de atuação que eu vejo para mim no Brasil eu posso estar incorrendo em erros, na medida em que, por mais que eu esteja informado em Genebra, eu preciso me experimentar aqui, no contexto. Na universidade eu creio que haverá uma possibilidade de trabalhar, já não diria que fosse para dar aula todo dia, talvez eu já esteja até um pouco cansado para isto. Mas creio que há espaços em algumas universidades brasileiras, em São Paulo por exemplo, onde eu possa fazer algo, onde eu possa conversar com os estudantes sobre as experiências. Nós vamos ver o que se faz, não sei.

«Sou um homem procurando tornar-se cristão»

Movimento - Mesmo tendo acompanhado à distância, o que o sr. pensa das mudanças políticas mais recentes ocorridas no Brasil, desde os projetos do governo, a chamada abertura política, até o ressurgimento do movimento operário, o papel que a Igreja tem desempenhado, a participação crescente do povo no processo social?

Freire - Tendo a impressão de que na entrevista que dei à Veja, em junho, eu chamava a atenção para o trabalho por exemplo das comunidades de base e outros trabalhos desenvolvidos pela Igreja no Brasil nestes 15 anos. Me referia também à emergência de uma certa consciência que me parece cada vez mais lúcida, política, clara, de um grande setor do operariado brasileiro, preponderantemente paulista, eu não digo exclusivamente. Mas creio - se eu estou errado vocês me retiquem porque é assim como eu estou vendo de longe - que a gente está tendo no Brasil um fato muito importante, que é a presença de uma classe operária que nasceu operária, que vem aprendendo a ser ela mesma, a ter uma consciência para si, de classe. Eu acho que nenhum de nós, como pedagogos, cientistas sociais, políticos, pode esquecer estes dois marcos e relegá-los. É preciso pensar isto. Então eu acho que qualquer tentativa de pegar o bonde da história antes de 64, tal qual era, é uma ingenuidade histórica. Esta é uma realidade nova, não podia deixar de ser, o país não parou. E eu volto a insistir: é a absoluta

convicção disso que me leva ansiosamente a esta procura de aprender de novo a realidade do meu país. Então, eu não tenho a pretensão de pensar que posso chegar ao Brasil e dizer aos jovens brasileiros e aos homens e mulheres de minha geração o que é que deve ser feito.

«Não tenho pretensão de exercer liderança na pedagogia»

Movimento - Gostaria que o sr. falasse mais sobre o papel assumido pela Igreja aqui no Brasil.

Freire - Ah, eu acho isto da mais alta importância. Eu sempre digo que eu não sou um cristão, eu sou um homem procurando tornar-se cristão, em busca de ser. Porque eu acho que o verbo ser implica uma essencialidade que é muito radical, eu acho que a responsabilidade de ser é muito grande. Este homem que não se define tanto por ser um homem religioso - não me acho religioso, eu sou um homem procurando preservar uma fé íntima imensamente feliz de ver como parte pelo menos da Igreja, católica e protestante também, se entrega a uma leitura do Evangelho, a uma interpretação do Evangelho, a uma leitura concreta do Evangelho. Eu fico muito contente, e acompanho de longe, com muito carinho, todo esse trabalho.

Movimento - Vários partidos estão sendo articulados, como o PTB de Brizola, o Partido dos Trabalhadores, e os autênticos do MDB estão procurando articular seu partido. Em qual deles o sr. se engajaria ou pretende se engajar?

Freire - Sendo educador eu sou necessariamente um político, mas há uma diferença entre ser um político enquanto educador e ser um educador enquanto político. Eu sou exatamente o primeiro: sou um político porque sou um educador. Mas eu não tenho nenhuma pretensão de exercer uma liderança sequer no domínio pedagógico, quanto mais no político. Evidentemente que, não sendo neutro, eu terei minha opção que farei amanhã.

Movimento - O sr. tem conversado com Arraes no exílio? O sr. se identifica, de maneira geral, com a posição dele?

Freire - Evidentemente que eu sou um grande admirador de Arraes. Recife, eu participei de toda a luta de Arraes como prefeito, participei do Movimento de Cultura Popular, que foi criado em Recife no governo de Arraes enquanto ele era prefeito, um trabalho da mais alta importância. Tenho uma profunda admiração por Arraes. Considero Arraes um homem sério, um homem correto. Mas, por mais absurdo que pareça, durante o nosso exílio eu só encontrei com Arraes uma vez, em Genebra, em 1971, há oito anos eu não o vejo. Agora eu não tenho dúvida de que não só Pernambuco mas todo o país receberá Arraes muito bem.

Movimento - Passados 15 anos, como o sr. vê os movimentos de alfabetização de adultos no Nordeste e a Campanha Nacional

de Alfabetização, que coordenou de junho de 63 a março de 64?

Freire - Quando eu olho para trás, me lembro de uma certa euforia, tínhamos a impressão de que as coisas estavam irreversíveis. Agora, se tu me perguntas «Paulo, tu te arrependes do que tentaste fazer?», eu afirmo que não, não há porque me arrepender das intenções, por exemplo. Mas o aprendizado na África tem me dado uma série de sugestões novas, por exemplo em relação ao desenvolvimento de materiais didáticos para os adultos. Em São Tomé e Príncipe, tenho aprendido muito em matéria de textos para pós-alfabetização. Já redigimos cinco livros básicos, que englobam também saúde e aritmética, ao mesmo tempo em que motivamos a massa popular para começar a escrever também, a ser também autora dos textos.

«Não há neutralidade na educação»

Movimento - Gostaria que o sr. falasse sobre estes textos, na parte de aritmética, por exemplo.

Freire - Estou convencido de que na etapa da alfabetização a ênfase deve ser dada ao cálculo mental, jogando com exercícios muito concretos da experiência de trabalho, de produção do adulto, e deixando o estudo mais sistematizado das operações para o pós-alfabetização. Penso assim porque o adulto analfabeto já sabe fazer contas, simplesmente porque trabalha. A minha tese é a seguinte: se é possível em dois meses - na África a gente tem de ter um pouco mais de tempo - se é possível em três ou quatro meses você deixar um grupo de alfabetização de adultos lendo e escrevendo razoavelmente bem, então por que juntar ao exercício do aprendizado da leitura e da escrita, que implicam um esforço muito grande, porque juntar a este esforço um esforço maior de aprender sistematicamente as quatro operações? Eles já passaram 400 anos com um índice enorme de analfabetismo, não faz mal nenhum passar mais quatro meses sem entrar na sistematização do conhecimento.

Na etapa da pós-alfabetização você entra com a aritmética e já com um livro básico. Isto é o que está sendo feito hoje com muito êxito em São Tomé. O livrinho básico de aritmética foi elaborado a partir de um trabalho feito pelas equipes educadoras de Angola. Outro livro muito interessante é o de saúde, elaborado por uma médica de São Tomé mesmo. Ela estudou quatro ou cinco doenças fundamentais no país, perfila estas doenças e como enfrentá-las. Já é um livro eminentemente político, claro. O problema da saúde é discutido dentro do contexto político do país, contexto de recriação da sociedade, em que a saúde é vista de um lado como um direito da massa popular, não mais só de uma elite, mas ao mesmo tempo é um dever que o povo tem de defender sua saúde, tendo em vista a necessidade de

recriar a sua sociedade. A intenção é escrever livros que deem na pós-alfabetização uma ideia de como a sociedade funciona. O primeiro livro da pós-alfabetização é um livro de textos que eu escrevi, é uma introdução à gramática. E um livro de que eu gosto muito, talvez um dos melhores que escrevi. Ele apresenta uma série de temas nacionais e africanos, entre os quais eu permito um estudo crítico das categorias gramaticais, de tal maneira que a própria gramática funciona como um desafio a um pensamento correto. Não há slogans, não há domesticação, não há neutralidade em toda essa obra.

Movimento — O sr. poderia dar um exemplo de como funcionam estas categorias gramaticais?

Freire — Como exemplo, uma coisa que me preocupa muito no campo da linguagem é o uso do pronome relativo «que», que tem uma importância muito grande não só na língua portuguesa mas na inglesa também. Nos períodos complexos, você põe o sujeito da oração principal no começo do período, começa a intercalar orações e lá no fim você põe a vírgula e o verbo e o predicativo daquele sujeito. Este miolo todo de orações intercaladas constitui um enorme problema para grandes setores da população que não têm na estrutura do seu pensar, e portanto na sua sintaxe, esta forma de raciocinar. Daí que muitos de nós falemos a certas formas populacionais e não sejam compreendidos. Este livrinho prevê estas coisas, prevê o uso deste «que». O presidente da República de São Tomé é um homem moço, mas é um economista, fala alemão, português, crioulo, espanhol, italiano, francês, é um chamado homem culto, como de modo geral se diz. Para mim ele é culto não só por isso, por outras coisas também. Este homem fala a seu povo em português e em crioulo, mas se você está fazendo um ano de processo de alfabetização de adultos em língua portuguesa, o que é possível lá, este povo vai ter que aprender o papel deste «que» dentro desta nova estrutura de pensamento, se não ele não vai entender o presidente. Muitos de nós, educadores, cientistas políticos ou políticos, não entendemos o povo nem nos comunicamos com ele porque não sabemos nada de sua semântica e de sua sintaxe.

Movimento — O sr. trabalha com crianças também?

Freire — Diretamente não, mas na medida em que discuto com a diretora de um departamento de educação infantil, estou discutindo os problemas da educação infantil. Tenho um profundo interesse pela educação em seu sentido global. Evidentemente que comeci a ser notado circunstancialmente enquanto um educador de adultos. Muita gente me restringe mais ainda e me põe como especialista em alfabetização, mas eu tenho um profundo interesse pela formação global e já há hoje experiências excelentes com crianças e adolescentes. Em Angola há experiências impressionantes neste campo. Vocês vejam: os guris tiveram uma participação formidável na guerra de libertação, faziam patrulhas, saíam rastejando, iam até

a zona do inimigo e depois voltavam para dizer aos guerreiros do MPLA quantos soldados eles encontraram. Eles terminaram inventando uma espingarda. Fizaram várias tentativas, morreram vários, até que aprenderam a fazer uma espingarda melhor, mas uma espingardinha de matar passarinho, é uma coisa romântica inclusive. E depois da libertação do país esta gurizada não queria voltar mais para uma escola infantil. Vocês já imaginaram um guri de 13 anos que se experimentou na guerra voltar para uma escola comum, normal? Então o vice-ministro da Educação de Angola começou a criar cidades pedagógicas — uma experiência que já foi desenvolvida em outros países. A primeira destas cidades foi inaugurada no ano passado, com aproximadamente 800 des-



«Qualquer tentativa de pegar o bonde da história antes de 1964, tal qual era, é uma ingenuidade histórica».

tes guris, num povoado perto de Luanda que durante a guerra tinha sido completamente arrasado. Os professores foram morar lá, tomar conta da cidade, todos angolanos jovens, ardorosos, amorosos de seus sonhos. E toda a formação educativa desta cidade se baseia na relação trabalho manual e trabalho intelectual, é desta unidade que sai o conteúdo programático da cidade pedagógica. É uma coisa formidável essa.

Movimento — Conversando ontem com a professora Maria Nilde Mascarenhas, aqui de São Paulo, e com um grupo de alunos de seu curso de especialização, eles diziam que há dezenas de grupos de alfabetização de adultos hoje no Brasil que se dizem seguidores de Paulo Freire, cada um se considerando o seguidor mais fiel, o que provoca muitas brigas entre os diversos grupos, mas a maioria deles repetindo de certa forma ex-

periências pré-64, de outra conjuntura política. O que o sr. acha da aplicação destas experiências que o sr. teve aqui, antes de 64, e agora em países que passaram por um processo muito grande de transformação no Brasil de hoje? Enfim, o que é que o sr. traz hoje para seu país?

Freire — Eu acho que não teria nada para trazer, assim como não levei nada lá para fora. No mês passado, na Universidade de Michigan, um jovem norte-americano me perguntou o que é que se poderia fazer de melhor para aplicar meu método nos Estados Unidos, e eu disse: «E me reinventar». No nosso retorno ao Brasil, não trazemos nenhuma maleta de soluções, sequer de propostas. Trazemos olhos e ouvidos para conversar com gente como a Maria Nilde,

se deem numa pureza apolítica? Será que existe uma apoliticidade? Será também que essa prática e essa teoria da educação não jogam com uma certa metodologia, que não há um certo método de ação? Será que esse método não tem a ver com um certo objetivo a alcançar? No fundo, então, o método, o conteúdo, o programa e o objetivo se somam numa certa coerência que envolve uma ação política. Eu já disse outras vezes que a única diferença que há entre um pedagogo conscientemente burguês e eu é que ambos sabemos que não somos neutros, mas ele se proclama como tal, e eu não. Foi por isso que te propus: tiremos essa história de Paulo Freire e discutamos o que fazer político-pedagógico, que sempre foi isso, e é e vai ser, a não ser que a humanidade mudasse radicalmente. E é exatamente o caráter histórico da humanidade que nos leva a isso. Não há como encontrar neutralidade na educação. É ingenuidade ou astúcia.

Movimento — Algumas teses recentemente publicadas argumentam que o sr. fala que a educação deve servir para o oprimido se conscientizar de que é oprimido e lutar contra o opressor, tratando de categorias como oprimido e opressor, dominado e dominante, mas sem entrar nas relações de classe. O que o sr. acha disso?

Freire — Em 73 eu dei uma entrevista que publiquei em «Ação Cultural e outros escritos» em que respondia a essa questão, tratada também em livros posteriores. Eu me lembro de que a primeira vez em que disseram que eu não falava em classes eu reii a «Pedagogia do oprimido» anotando as vezes em que eu falava em classe social, e foram 35 vezes, se não me engano, o que não significa que eu tivesse sido claro. Eu tenho a impressão de que clarifiquei isso em outros trabalhos. Por outro lado, há estudantes que fazem sua tese de doutorado sem ler todos os meus livros, e há estudantes com um vigor tão extraordinário que nem sequer escrevem. O que eu quero dizer com isso é que eu não morri ainda, é que estou vivo, e estando vivo estou fazendo algo, seria interessante que o cara soubesse. Muitas vezes estes estudantes se baseiam em um livro apenas de Paulo Freire, sem fazer uma análise global. Eu vejo isso como uma constatação. E tenho a impressão de que foi exatamente isso que Marx fez. Acho que o problema é constatar isso e ver como esta coisa ocorre. No momento em que você pretende reduzir isso a um esquema, no meu entender você já contraria o próprio Marx. Quando você pega uma categoria como essa da luta de classes e, sem refinar o instrumento de análise, aplica em uma sociedade como a norte-americana, você se esborraça. Você encontra ali, por exemplo, um ambiente racista que tem a ver com a estrutura de classe, mas que não se esgota nisso, vai mais além. Se você pretende reduzir tudo ao problema da análise da luta de classes você se ferra, pois seria o caso de dizer: se todo o fenômeno racista pudesse ser explicado pelo problema das classes sociais, por que é que nós não temos entre os negros norte-americanos um Rockefeller? O que eu quero dizer é que a gente não deve se enfeudar demasiado, mas estar muito aberto a uma reflexão permanentemente crítica.

Um risco para as classes dominantes

O método Paulo Freire criou um problema sério: ia dobrar o número de eleitores entre os oprimidos.

Recifense, hoje com 58 anos incompletos, Paulo Freire é formado em Direito e foi professor de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, depois de uma infância pobre, em que a falta de recursos fez com que ele só pudesse entrar no ginásio, com bolsa de estudos, aos 15 anos de idade. Suas experiências no campo de educação de adultos começaram na década de 50, mas foi só no início da década de 60 que ele adquiriu notoriedade, ao coordenar, durante dois anos, um projeto de educação de adultos dentro do Movimento de Cultura Popular, a convite do então prefeito de Recife Miguel Arraes.

Segundo a socióloga Sílvia Manfredi, autora da tese «Uma interpretação sociológica do Programa Nacional de Alfabetização», o sistema de educação proposto por Freire distinguia-se dos que o precederam pelas seguintes características: incluía uma técnica de alfabetização que possibilitava o domínio da leitura e da escrita no prazo mínimo de 40 horas e permitia que os conteúdos culturais inerentes ao processo de al-

fabetização se voltassem para o exame crítico de problemas concretos (sociais, políticos, econômicos) vividos pelos alfabetizados. Particularmente, este segundo aspecto inovador do método garantia, pelo menos potencialmente, a possibilidade de a educação vir a ser empregada como um dentre os diversos métodos de ampliação da participação política».

Com a eleição de Arraes para o governo de Pernambuco, o trabalho de Paulo Freire estendeu-se a todo o Estado e a Estados vizinhos. Uma grande experiência foi feita na cidade de Anjicos, no Rio Grande do Norte, num curso encerrado pelo presidente João Goulart. Logo em seguida, em junho de 1963, o ministro da Educação, Paulo de Tarso, convocou o educador para dirigir o Programa Nacional de Alfabetização.

A experiência foi bruscamente interrompida menos de um ano depois, com o golpe de 64. Em recente entrevista ao Pasquim, Paulo Freire lembrou o período: «Foi pouco mas deu para implantar a coisa em todo o país. O negócio era tão extraordinário que não podia continuar. Num Estado como Per-

nambuco, que tinha naquela época o número de, pode não ser exato, 800 mil eleitores, era possível em um ano passar para 1 milhão e 300 mil. Um Estado como Sergipe, que tinha 300 mil eleitores, podia passar em um ano a 800 mil. E assim em todos os Estados do Brasil. O que poderia ocorrer é que para a sucessão presidencial nós poderíamos ter no processo eleitoral, já que a lei não admitia o voto do analfabeto, facilmente 5 ou 6 milhões de novos eleitores. Ora, isso pesava demais na balança do poder. Era um jogo muito arriscado para a classe dominante».

O golpe levou Paulo Freire para a prisão, durante 70 dias. Depois, julgando-se sem condições de trabalho e de vida aqui, ele saiu do Brasil, no segundo semestre de 64. Passou rapidamente pela Bolívia — o governo Paz Estenssoro, que o convidara, caiu 20 dias após sua chegada — e foi para o Chile, no governo Eduardo Frei, onde ficou quatro anos. Em 69 foi convidado por várias universidades norte-americanas — já era a esta altura, motivo para matérias no New York Times — mas preferiu trabalhar na universidade de Harvard. Em 70 foi para Genebra, na Suíça, onde permaneceu até hoje, a convite do Conselho Mundial de Igrejas. Foi ali que criou em 71, o Instituto de Ação Cultural — IDAC —, que reúne vários educadores. O IDAC iniciou em 1975 suas atividades na África, inicialmente na Guiné-Bissau, depois em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Sem a participação do Instituto, mas apenas a nível pessoal, Paulo Freire e sua mulher, Elza, também prestam serviços ao governo angolano, no campo educacional, embora de forma menos sistemática que nos outros países. O trabalho na África projetou Paulo

Freire como uma das maiores expressões de educador do Terceiro Mundo.

Seus livros mais conhecidos são «Educação como prática da liberdade», editado hoje em 14 línguas, «Pedagogia do oprimido» e «Cartas à Guiné-Bissau».

O único processo instaurado contra Paulo Freire, com a vaga acusação de «subversão», foi arquivado «por inépcia de provas» pelo Superior Tribunal Militar em 1968. Ele pretendia voltar ao Brasil logo depois, mas veio o AI-5 e desde então seu passaporte foi continuamente negado pelas embaixadas brasileiras e só concedido em junho deste ano.



Chegada de Freire em Vira copos